

**“A ÚNICA TESTEMUNHA QUE NÃO PUDE CORROMPER”:  
FOTOGRAFIAS E DISPUTAS PELA VERDADE NO ESTADO LIVRE DO  
CONGO (1885 – 1908)**

*“The only witness I couldn't bribe”: photographs and struggles for the truth in the Free State of Congo*

Antonio José Alves de Oliveira\*

**RESUMO:** Entre 1885 e 1908, o Estado Livre do Congo foi cenário de uma das maiores atrocidades do colonialismo em África, aproximadamente 10 milhões de vidas foram ceifadas, seja pela fome, por doenças mas, principalmente pelo regime de terror em relação à exploração da borracha indígena. Sequestros, estupros e mutilações se tornaram a tônica. Nesse período, a câmera fotográfica transformou-se em uma importante arma política, principalmente para a Associação de Reforma do Congo e os missionários Alice Seeley Harris e John Harris. O trabalho tem como objetivo discutir o estatuto de verdade e as disputas empreendidas através de relatos e imagens das atrocidades, e perscrutar como os registros fotográficos foram utilizados como provas cabais e irrefutáveis nessas disputas.

**PALAVRAS CHAVE:** Fotografias. Missionários. Verdade.

**ABSTRACT:** Between 1885 and 1908, the Congo Free State was scenario of one of the biggest atrocities of Colonialism in Africa, about 10 millions lives were mowed, either by the hunger or by the diseases, but, mainly for the Terror Regime relative to indian rubber harvest. Kidnappings, rapes and mutilations became the tonic. In this period, the photographic camera became an important political weapon, mainly to the Congo Reform Association and the missionaries Alice Seeley Harris and John Harris. The work aims to discuss the status of the truth and the struggles undertaken through accounts and images of the atrocities, and to investigate how the photographic images were used as complete and irrefutable proofs in these struggles.

**KEYWORDS:** Photographs. Missionaries. Truth.

*“the photographs are means of making 'real' (or more real)  
matters that the privileged and the merely  
safe might prefer to ignore”*

**Susan Sontag, *Regarding the pain of others***

---

† Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes. E-mail: [ajalvoliveira@gmail.com](mailto:ajalvoliveira@gmail.com)

## **I - O horror em imagens**

Fotografias chocantes sobre os terrores da guerra, de campos de refugiados, de violência desmedida, de injustiças impostas e acerca da dor infligida à outrem como consequência das agruras irracionais de conflitos já possuem mais de um século e meio de difusão. Desde as “colheitas da morte”, fotografadas por Frederick Gardner nos campos de batalha de Gettysburg e Antietam, durante a Guerra Civil Americana em 1864, até o potente livreto de Ernst Friedrich, “War Against War”, publicado pela primeira vez em 1924, as imagens fotográficas foram uma poderosa arma de denúncia das atrocidades, das injustiças, do terror e da irracionalidade promovidas na guerra (*The Guardian*, 24.11.2014).

As imagens e as fotografias das injustiças e do terror, no entanto, possuem uma outra trajetória. Um marco nesse sentido, talvez sejam as imagens de Goya, sobre a invasão napoleônica à Espanha no início do século XIX. São 83 gravuras, catalogadas sob o título de “Los desastres de la Guerra”, e publicadas em 1863. Essas gravuras de Goya, na perspectiva de Sontag, representam uma virada significativa na história da produção da empatia, dos sentimentos morais e na representação da tristeza. Mais do que isso, suas gravuras são um ponto de inflexão sobre uma dupla responsabilidade que adentra o campo da arte, o da responsabilidade sobre o sofrimento de outrem, tanto daquele que é testemunha quanto daquele que observa, daquele que é colocado perante a dor do outro (SONTAG, 2004, p. 63).

Mesmo assim, depois desses quase dois séculos, ainda hoje alguns questionamentos são passíveis de serem colocados perante essa missão que os relatos, as imagens e as fotografias do horror colocaram para si próprios e para o observador. Um desses válidos questionamentos, saturados de pessimismo e ceticismo, foi levantado recentemente por Paul Mason, colunista do *Guardian*, e sua afirmação de que as pessoas que acreditam que em se mostrando imagens violentas de zonas de conflito iriam conter a matança estariam enganadas (*The Guardian*, 23.11.2014). Mason sustenta que houve uma massiva banalização hoje das imagens do terror, desde os conflitos na Síria e as horríveis imagens de crianças assassinadas, do morticínio em Gaza, passando pela difusão de imagens, fotografias e vídeos sobre o Estado Islâmico, com crucificações, execuções e decapitações, que tem como objetivo impelir uma ação concreta no sentido de interrompê-los. Mais do que a banalização evocada, existiria, para o britânico, uma crescente frustração por parte de todo o meio

jornalístico envolvido, mas principalmente por parte do público que coloca tais imagens sob o signo do potencialmente falso, do provavelmente manipulado ou simplesmente do propagandístico.

Para o britânico, entretanto, existe um forte ponto de inflexão acerca dos eventos e a maneira como são evocados através de relatos e imagens. Trata-se da possibilidade de um posicionamento claro, de uma concreta escolha subjetiva na elaboração de uma narrativa imagética, mesmo em se tratando de algo que arroga para si tanta objetividade, como a câmera fotográfica. Atualmente, para Mason, o horror que essas imagens propaladas difundem erram o alvo, nesse mesmo fator subjetivo. O mais plausível seria narrar o quanto o horror provocado é absurdo, o que seria até mesmo mais importante do que simplesmente mostrar as violações. Só então, entendendo o caráter subjetivo das narrativas fotográficas, e caminhando para sua consequente mudança de direcionamento, existiria alguma esperança acerca das imagens e o seu suposto poder na transformação da nossa relação com as atrocidades. E só então, elas exerceriam o papel de “educar contra o absurdo e a matança” (*The Guardian*, 23.11.2014).

As fotografias, nesse sentido, adentram elas mesmas o campo da narrativa e da subjetividade. Elas, como já percebido por Sontag, unificam duas características extremamente contraditórias. As credenciais de objetividade das fotografias repousam ao lado do ponto de vista do fotógrafo e das escolhas tomadas por ele. São ao mesmo tempo “uma tomada objetiva e um testemunho pessoal, ambas uma cópia fiel ou transcrição de um determinado momento da realidade e ao mesmo tempo uma interpretação dessa realidade” (SONTAG, 2004, p. 22).

Essa tensão de contar o que viu, demonstrar e provar o absurdo e por fim, convencer para a ação esteve fortemente colocada na virada do século XIX para o XX, no recém-criado Estado Livre do Congo, quando uma missionária britânica batista, Alice Seeley Harris, ao lado do seu marido, John H. Harris, se deparou com os horrores do colonialismo em África, uma das maiores atrocidades da humanidade, um grande morticínio de aproximadamente 10 milhões de nativos africanos, com escravização de pessoas, mutilações, sequestros e estupros. Os relatos pessoais, os testemunhos e as narrativas orais pareciam não ter efeito nos noticiários e jornais europeus, tidos como fictícios, falaciosos ou simples fantasias dos missionários. O horror e o desatar de um emaranhado de relatos e representações foi trazido e percebido de forma mais intensa pela imagem fotográfica e a maneira como essa mesma objetiva era vista e entendida em uma outra temporalidade histórica e por determinados sujeitos históricos que vivenciaram esta mesma realidade pretérita. No campo das

## EXPEDIÇÕES

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

narrativas e nas disputas pela verdade em que estavam inseridos, as provas irrefutáveis das atrocidades viriam das mãos e do olhar de Alice Harris e da objetiva de sua câmera.

Tal batalha de representação não passou despercebida por Mark Twain, que embora tenha omitido a participação e a presença notável de Alice S. Harris em relação aos testemunhos e à denúncia dos horrores no Estado Livre do Congo, não deixou de notar o papel essencial exercido pela câmera fotográfica em relação a instituição de um discurso de veracidade e objetividade, e ainda, na aferição de uma determinada realidade (TWAIN, 1905), uma horrorosa realidade, que poucos anos antes, tinha já sido colocados nas páginas ficcionais de Joseph Conrad.

Twain, em um célebre discurso ficcional que representaria uma suposta auto-defesa de Leopoldo II em relação as atrocidades no Estado Livre do Congo, de forma brilhante, com passagens de jornais, imagens e relatos dos missionários, traz a narrativa para uma determinada finalidade, a irrefutável impossibilidade de negação de uma realidade horrorosa, experimentada pelos nativos e testemunhada principalmente pelos missionários. É quando a *res gestae*, os eventos ocorridos, transbordam a *historia rerum gestarum*, a narração desses mesmos eventos. Mesmo assim, é à objetiva da câmera fotográfica que Twain, em seu discurso ficcional atribui o maior valor nessa disputa pela verdade:

a *Kodak* tem sido uma dolorosa calamidade para nós. A mais poderosa inimiga que tem nos confrontado. Nos anos anteriores nós não tivemos problema em fazer a imprensa expor as narrativas sobre mutilações como calúnias, mentiras, invenções de missionários americanos bisbilhoteiros e estrangeiros que encontraram a 'porta' Berlin-Congo fechada contra eles quando inocentemente tentaram ir lá para negociar. Com a ajuda da imprensa nós tínhamos as nações cristãs em toda a parte torcendo o ouvido de forma descrente para aquelas histórias e maldizendo os seus contadores. Sim, tudo ia harmoniosamente e de forma prazerosa naqueles bons dias, e eu era visto como benfeitor dos oprimidos. Então, de forma repentina veio o choque! Quer dizer, a incorruptível *kodak* – e toda a harmonia foi para o inferno! A única testemunha que encontrei em minha longa experiência que não pude corromper. Cada missionário *yankee* e cada comerciante enviado para casa tem uma; e como – oh, bem as imagens agora vagueiam por toda a parte, apesar de tudo que podemos fazer para suprimi-las. Dez mil púlpitos e cem mil jornais dizendo boas palavras a meu respeito o tempo todo, placidamente e convincentemente negando as mutilações. Então, aquela *Kodak* trivial que uma criança pode carregar em seu bolso, surge, e sem expressar sequer uma palavra, torna-as estúpidas. (TWAIN, 1905, p. 40)<sup>105</sup>

<sup>105</sup>The *kodak* has been a sore calamity to us. The most powerful enemy that has confronted us, indeed. In the early years we had no trouble in getting the press to expose the tales of the mutilations as slanders, lies, inventions of busy-body american missionaries and exasperated foreigners who had found the 'open door' of the berlin – congo charter closed against them when they innocently went out there to trade; and by the press's help we got the christian nations everywhere to turn an irritated and unbelieving ear to those tales and say hard things about the tellers of them. Yes all things went harmoniouly and pleasantful in those good days, and i was looked up to as the beneactor of a down-trodden and friendless people. Then all of a sudden came the crash! That is to say, the incorruptible *kodak* – and all the harmony went to hell! The only witness i have encountered in my long experience that i could not bribe. Every yankee

Para Twain, tratava-se da possibilidade de causar um deslocamento. Em um discurso ficcional, com a imaginação do que Leopoldo II poderia dizer ou poderia ter dito, Twain, trabalha no limiar da tensão entre a literatura ficcional e o “real”, sem descuidar que se o seu discurso ficcional não fala propriamente do que tenha ocorrido, mas do que possivelmente poderia ter ocorrido, operando assim no campo do plausível, das possibilidades e da verossimilhança. O que remonta a antiga tensão evocada por Aristóteles em sua comparação entre a história e a poesia (que poderíamos tomar aqui como a literatura ficcional), de que a história trataria do ocorrido, e à literatura caberia explorar o que poderia ter sido (GINZBURG, 2007,11)<sup>106</sup>. Distinto, para Twain é sua observação em relação à possibilidade trazida pela pequena máquina fotográfica, e a atribuição de significados atribuída a ela, principalmente no que concerne às provas e à objetividade.

Mas, se temos em mente que se trata também de um ponto de vista, e de um dentre outros possíveis testemunhos acerca dessa realidade, o que podemos aferir dos episódios e das batalhas travadas em torno dessa disputa pela CRA (Congo Reform Association), por homens como Edmund Dene Morel, Roger Casement e os missionários Harris? Estes últimos vivendo em uma tênue tensão em relação a um compromisso moral perante às agruras do sofrimento dos nativos. Mais do que propriamente essa suposição de objetividade trazida pela câmera, cabe ressaltar o poder da narrativa elaborada pelos missionários, e em especial pela missionária britânica. E assim, adentramos novamente numa linha tênue na tensão entre as narrativas e os testemunhos e o valor de prova e objetividade atribuída a esse conjunto de narrativas e imagens. Foi quando o verdadeiro, o falso e o fictício, estiveram sob uma ferrenha disputa no Estado Livre do Congo.

## **II - O Estado Livre do Congo e o “novo mercado de escravos”**

Entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, representantes das potências europeias discutiam os rumos e os espaços de exploração sobre o continente africano. Nos jardins da Wilhelmstrasse, em Berlim, presidida por Otto von Bismark, teve lugar a Conferência acerca da

---

missionary and every interrupted trader sent home and got one; and now – oh, well, the pictures get sneaked around everywhere, in spite of all we can do to ferret them out suppress them. Ten thousand pulpits and ten thousand presses are saying the good word for me all the time and placidly and convincingly denying the mutilations. Then that trivial little *kodak*, that a child can carry in its pocket, gets up, uttering never a word, and them dumb! (Tradução livre).

<sup>106</sup>No entanto, o historiador italiano vai além: “os historiadores (e de outra maneira, também os poetas) tem como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que a trama do nosso estar no mundo.”

navegação do Congo (ou como ficou conhecida pouco depois, a Conferência de Berlim). As discussões vinham sendo encaminhadas desde 1876, na Conferência de Bruxelas. Com a leitura dos sucessivos relatos de viajantes exploradores tais como David Livingstone, Savorgnan de Brazza e Henry Morton Stanley, as preocupações se voltavam para três pontos principais: o melhor mapeamento do continente africano, o estabelecimento de pontos de comércio e o fim do comércio de escravos no interior do continente. Acerca deste último ponto, os discursos se voltavam para a importância de se lutar contra um potente inimigo escravagista, os mercadores de escravos árabes suaílis. Essa acabou por ser a mais nova racionalização, que coube muito bem à retórica para a justificativa da presença europeia na África, uma máscara de humanitarismo para o empreendimento colonial e para o esforço exploratório da terra e do trabalho dos africanos.

Em 1884, na Conferência de Berlim, esses três pontos ainda eram preocupações candentes, no entanto, a maior delas, sem dúvida, se dava em relação à exploração de uma porção de terra gigantesca recém percorrida por Savorgnan de Brazza em nome dos franceses, e pouco depois por Henry Morton Stanley. A foz do rio Congo, se tornou então um ponto fulcral nesse meio tempo. Na Conferência em que o rei dos belgas, Leopoldo II, contou com o próprio Stanley como seu representante, ficou assinalado que seria criado o Estado Livre do Congo, um território maior que França, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Itália reunidas, e que Leopoldo II, seria, nas palavras do próprio Bismarck, “um dos mais importantes executores do trabalho que pretendemos fazer” (HOCHSCHILD, 1999, p. 69).

Segundo Hochschild, o imenso território era entendido pelos representantes europeus na Conferência de 1884-85, como uma espécie de colônia internacional, sob a “proteção” de Leopoldo II, mas aberto aos negociantes de toda a Europa. E ainda, com a possibilidade da livre navegação por parte das companhias de comércio no Zaire, a entrada de missionários cristãos e, ainda, que uma larga faixa na África Central, incluindo o território de Leopoldo na bacia do Zaire seria uma zona de livre comércio (HOCHSCHILD, 1999, p. 93).

O imenso território, com aproximadamente 20 milhões de habitantes, entre os anos de 1885 e 1908, foi então, cenário de uma das maiores atrocidades do colonialismo em África. O censo de 1924, elaborado pelos próprios belgas em outro contexto colonial, evidenciava a perda de aproximadamente metade da população do território. Hochschild aponta como aproximadamente 10 milhões de vidas foram ceifadas nesse período, seja pela fome, por doenças como a varíola e a

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

doença do sono provocada pela tsé-tsé, mas, principalmente pelo grande regime de terror e desprezo pela vida dos africanos. Ainda, outros estudiosos apontam que o número de vítimas pode ter sido bem maior<sup>107</sup>.

Tratava-se de uma matança sistemática, um regime de terror, empreendido pela lógica do colonialismo, ancorado no racismo, na ganância, no lucro e exploração fáceis, como bem explicitado por Joseph Conrad, em seu “Coração das Trevas”, donde não faltava nem mesmo os colecionadores de crânios dos nativos<sup>108</sup>. O missionário estadunidense George Washington Williams, que até então acreditava nas promessas e na suposta forma benigna de “desenvolvimento” do território, em sua visita ao Congo, por volta de 1890, o chamou de Sibéria do Continente Africano. Como o mesmo J. Conrad deixa transparecer em seu romance, o desprezo pela vida dos africanos era a tônica do colonialismo, mesmo porque, para grande parte dos europeus do período, os africanos eram tratados como seres inferiores: “preguiçosos, incivilizados, pouco melhores que animais. E de fato, a maneira mais comum de fazê-los trabalhar seria, como animais, como bestas de carga” (HOCHSCHILD, 1999, p. 118). Como explicita Hochschild em tal sistema de terror, antes, os funcionários deveriam ver suas vítimas como menos que humanos, e foram justamente as ideias vitorianas sobre raça que os deram tal fundamento.

Do mesmo modo, tal forma de desprezo poderia ter sua explicação, pela razão de tais funcionários coloniais terem sido praticamente “expulsos de um mundo com valores sociais estabelecidos e jogados à mercê de si mesmos, sequer tinham onde se apoiar, a não ser lampejos de talento” que os tornariam, entretanto bastante perigosos. No entendimento de Arendt, eram homens que topavam tudo, “desde jogar cara-e-coroa até matar alguém” e para eles a vida do próximo “tanto fazia como tanto fez”. Assim, trouxeram consigo ou logo aprenderam o código de boas maneiras

---

<sup>107</sup> Não há consenso acerca do número de mortos no Estado Livre do Congo nesse período, os cálculos e as estimativas são levantadas principalmente a partir do censo de 1924 produzido por funcionários do então Congo Belga em contraposição a um cálculo aproximado acerca do número de habitantes antes da criação do Estado Livre do Congo. As dificuldades em se estabelecer números exatos são enormes, principalmente em decorrência dos obstáculos que a própria administração colonial impôs sobre investigadores em potencial que circulavam pelo Estado Livre do Congo, tais como os missionários batistas. Por outro lado, outra dificuldade se encontra no fato de que com o avanço de regime de terror rumo as regiões interiores, migrações em massa ocorreram, as vilas e povoados eram constantemente abandonadas, mortes em decorrência de subnutrição e doenças de toda espécie se tornaram frequentes durante esses anos, e o número de mortes pode ser maior do que os anotados por Adam Hochschild.

<sup>108</sup> Trata-se de Léon Rom, agente colonial belga, com ar de artista e intelectual, que entre outros livretos escreveu, “Le nègre du Congo”, panfleto racista e pseudo científico que procurava lançar luzes para compreender o “negro do Congo”. Para Hochschild é, provavelmente, uma das maiores inspirações para Joseph Conrad na criação de Kurtz, de *O Coração das Trevas*, inclusive com sua exposição de crânios dos nativos.

ajustado ao futuro tipo de assassino, que só conhecia um pecado imperdoável: perder a calma” (ARENDDT, 1989, p. 220).

A corrida econômica e a exploração dos recursos naturais do território, antes baseada na caçada de elefantes que atravessavam a região e a exploração das presas de marfim, passaram, no início da década de 1890, à exploração sistemática da borracha selvagem. Com a extração da borracha, passou-se a utilizar o trabalho forçado dos africanos, com uso sistemático da violência, o uso do chicote, das ameaças, de sequestros de mulheres e crianças das mais distantes comunidades ao longo do território onde se poderia explorá-la, e ainda, o que caracterizou de maneira notável o desprezo pela vida dos africanos durante esse regime de terror, a profusão de mãos decepadas.

Por não possuir os recursos suficientes para a exploração de todo o extenso território, e por ser o seu empreendimento pessoal, sem custeio do Estado belga, Leopoldo II redimensionou o Estado do Congo em blocos, cujas “terras vacantes” foram arrendadas por um determinado período de tempo às companhias privadas. Essas companhias possuíam diversos acionistas, em sua grande maioria não-belgas, no entanto, por contrato estava assegurado à Leopoldo II cinquenta por cento das ações, o que, na prática, fazia com que o investimento de capital estrangeiro fosse utilizado em seus próprios “negócios” e onde os lucros estariam assegurados.

O trabalho forçado dos africanos de diferentes grupos étnicos e comunidades se dava pela instituição de uma espécie de taxa quinzenal, ou quota de colheita, que cada comunidade era obrigada a ceder aos sentinelas (*sentries*), que trabalhavam sob supervisão das companhias de comércio, em sua grande maioria belgas, mas também companhias mistas como a ABIR (Anglo Belgian Indian Rubber). John Harris, missionário batista britânico que, juntamente a sua esposa Alice Seeley Harris, esteve no Congo entre os anos de 1898 e 1905, em suas cartas para o Edmund Morel explica-nos o funcionamento do sistemático aparelho de morte que dizimou milhões de vidas africanas durante o regime de terror de Leopoldo II.

Eu quero agora lhe contar como essa borracha é coletada. Por algum processo secreto, uma companhia de magnatas da Europa aparentemente negocia um tratado do país aqui, incluindo as pessoas (eu entendo que é o pessoal assim chamado de pessoas da ABIR, que são por volta de 2 milhões) esses magnatas escolhem um diretor e agentes na África. Os agentes possuem distritos onde são a lei, e podem pegar toda a borracha que puderem. O agente é suprido com armas e munições; Estas ele cede a um determinado número de homens os quais possuem um determinado propósito. São estes os sentinelas (*sentries*), e são localizados nas vilas em número de dois a dez, de acordo com a extensão da vila. A pior

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

parte parece ser que isso tudo são atos de brutalidade cometidos com o único propósito de aterrorizar as pessoas. (MOREL, 1904, p. 438)<sup>109</sup>

O britânico tece sua narrativa, em um primeiro momento descrevendo a estrutura de todo o regime de terror, buscando, ele mesmo, compreender como o trabalho forçado e a escravização de pessoas no continente africano possuía uma determinada racionalidade, pensada e estruturada no continente europeu com o fito único de angariar lucros com a exploração do trabalho dos africanos. Em um momento seguinte da carta, então, passa a descrever elementos da vida cotidiana dos africanos sob o regime de terror, extratos de relatos de chefes e de pessoas das comunidades que tiveram suas vidas transformadas desde que se deu a corrida para a exploração da borracha, que, não obstante, se utilizava de africanos das regiões mais distantes submetidos aos agentes coloniais belgas, os temidos sentinelas (*sentries*).

Os sentinelas ou *sentries* eram os principais agentes do terror nas comunidades, os agentes belgas, seus superiores, cediam-lhes uma determinada quantidade de munição, então, os africanos deveriam provar que estas não foram utilizadas de maneira “indevida” como em caçadas, ou desperdiçadas, e para isso era exigido que se trouxesse para os agentes a mão direita dos africanos que se insurgiam contra a exploração da borracha, ou aqueles que não conseguiam cumprir com as metas estabelecidas de quotas quinzenais.

Mesmo à época, as atrocidades e o morticínio empreendido foi objeto de discussão, os milhões de mortos, as razias praticadas pelos agentes da borracha e seus sentinelas (*sentries*), os sequestros de mulheres e crianças e os milhares de mutilados, foram ponto central para uma discussão acerca do colonialismo e o valor da vida humana, desembocando, por um lado, numa importante campanha humanitarista, apesar de todo o seu ranço paternalista e tutorial, e por outro lado, levantou questões acerca dos direitos humanos e sobre os crimes cometidos contra a humanidade (BIANCHI, 2014, p. 128; THOMPSON, p. 2012)<sup>110</sup>. No entanto, mais do que isso,

---

<sup>109</sup> “I want now to tell you how this rubber is collected. By some secret process, a company of magnates in Europe apparently buy a tract of country out here, including the people. (i understand what are called the 'Abir people' number about two millions.) these magnates choose a director and agents in Africa. The agents have districts assigned to them to rule, and to get in all the rubber they can. The agent is supplied with guns and ammunition; these he gives to a number of men whom he call for the purpose. These men are named sentries, and are placed in the towns in the numbers of two to ten according to the size of the town. The worst part appears to be that these were mere acts of brutality committed with the sole object or terrorising people”. Letter from Mr. John Harris. (Tradução livre).

<sup>110</sup> O mesmo George Washington Williams que viajou para o Congo em 1890, diante do horror em que se encontrava, escreveu sucessivas missivas, para Leopoldo II escreveu uma carta aberta e para o secretário de Estado americano, uma carta que utilizou a assertiva “crimes contra a humanidade” pela primeira vez. Não tardaram para as narrativas de George W. Williams serem colocadas em descrédito pelo aparato midiático de Leopoldo II.

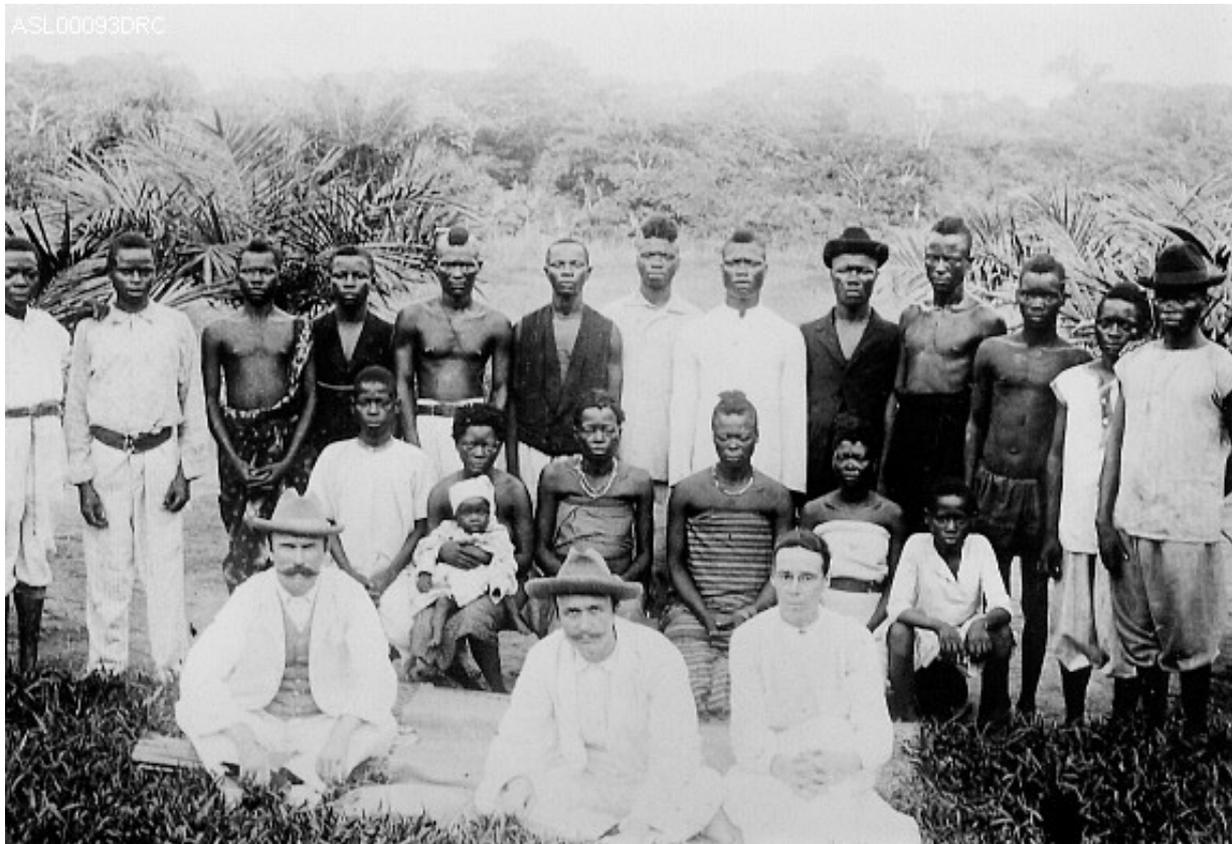
aqueles que lutavam do lado da CRA (Congo Reform Association), se depararam com um árduo entrave em suas proposições e em suas evidências dos eventos terríveis que os cercavam. Diante da dúvida levantada como legitimar seus discursos? E ainda, em suas narrativas como assegurar o estatuto de veracidade dos seus relatos?

Por um lado, as grandes campanhas de divulgação, levadas a cabo pela Associação de Reforma do Congo, instituição que tinha como fundadores Edmund D. Morel, sua esposa Mary Morel e o cônsul britânico no Estado Livre do Congo, Roger Casement, e como principais apoiadores os missionários John H. Harris e Alice Seeley Harris, ainda, como importantes membros e divulgadores, os escritores Mark Twain e Arthur Conan Doyle. Por outro lado, toda uma contraofensiva liderada por Leopoldo II, um empreendimento de corrupção da imprensa, que contava com jornais nas principais cidades europeias e nos Estados Unidos, na busca de deslegitimação das palavras e do que estava sendo proposto pela Associação de Reforma do Congo. Um jogo retórico empreendido por Leopoldo II, que envolvia por vezes uma espécie de cinismo, quando enviou uma comissão de investigação corrompida ao Estado Livre do Congo e quando tentava se mostrar desentendido quanto aos eventos.

### **III - Alice Seeley Harris e a veracidade em imagens**

A presença de missionários no Estado Livre do Congo foi acordada ainda na Conferência de Berlim, em 1885. Diferente da grande maioria dos mercadores e dos agentes comerciais, que apenas passavam pela região, e quando permaneciam por um período mais longo, ficavam no máximo por três anos, os missionários católicos e protestantes permaneciam muito mais tempo, os Harris, por exemplo permaneceram no Estado Livre do Congo por aproximadamente sete anos, o que fazia com que os missionários possuíssem um olhar mais aguçado sobre os modos de vida das populações, reagissem de forma mais empática, e se posicionassem de forma veemente ante as drásticas transformações em seus modos de vida ocasionadas pelo Regime. William Sheppard, por exemplo, outro missionário protestante que esteve no Congo, na década de 1890, e profundo admirador da força da cultura Kuba, notou profundas transformações durante o período que esteve com eles. Questionando-se acerca das razões dessas transformações, ressalta que o problema residiria no fato de que havia “sentinelas armados das companhias de comércio que forçam homens e

mulheres a passar grande parte dos seus dias e noites na floresta procurando borracha, e o preço que eles recebem é tão baixo, que eles não conseguem viver disso” (THOMPSON, 2012, p. 183).



Não que os missionários não estivessem interessados nas transformações dos modos de vida dessas populações, afinal, tratava-se de uma “missão civilizadora”, acima de tudo, como se costumava dizer. Na fotografia acima, encontram-se os missionários batistas da Congo Balolo Mission, à esquerda Edgar Stannard, no centro John Hobbis Harris e à direita, Alice Seeley Harris. Segundo Thompson, a princípio, humanitaristas como Edmund Morel, este um interlocutor constante de viajantes como Mary Kingsley, tinham os missionários em pouca estima, talvez por sua maneira de abordagem das populações nativas, também propensos a impeli-los a uma mudança radical em seus costumes e em seus modos de vida, numa árdua transformação cultural e numa constante visão desses mesmos povos como inferiores. Na fotografia acima, utilizada por Alice em sua segunda leitura em Liverpool<sup>111</sup>, que provavelmente teve lugar no distrito de Baringa, onde os missionários

<sup>111</sup>Fotografia disponível em: <http://www.panos.co.uk/preview/00052898.html?p=8>. Consultada em: 21.02.2015.

Harris permaneceram entre 1900 e 1905, podemos observar alguns desses elementos de transformação em processo, principalmente no que trata às vestimentas utilizadas por grande parte nativos, as roupas e os chapéus. Os missionários, no centro e à frente, predominam na imagem, preponderantemente em vestes brancas, parecem querer significar a sua liderança frente a comunidade.

No entanto, com os constantes relatos, narrativas e imagens enviadas, missionários e humanitaristas logo se tornariam potentes aliados contra o regime de terror instituído. É novamente Twain, em seu discurso ficcional *King Leopold's Soliloquy* que enfatiza o real temor, e o poder que a narrativa dos missionários poderia ter frente a opinião pública no continente europeu, Twain coloca no campo do possível, prováveis palavras tomadas por Leopoldo II, ou pelo seu séquito de defensores. Tomados nesse sentido, os missionários “parecem estar sempre por aí, sempre espiando, sempre testemunhando os acontecimentos; e tudo que eles veem tomam nota. Eles estão sempre procurando algo de lugar para lugar; (...) eles viajam e viajam, eles espionam e espionam! E nada é tão trivial para eles que não mereça nota” (THOMPSON, 2012, p. 185). E entre estes missionários estava Alice S. Harris, nas palavras de Jack Thompson, a mais importante fotógrafa missionária durante toda a Campanha de Reforma do Congo (THOMPSON, 2012, p. 186).

Alice Seeley Harris, nasceu em 1870, e ainda muito jovem se voluntariou à Congo Balolo Mission, estudou no Harley College, instituto de treinamento missionário, e pouco antes de viajar para o Congo como missionária batista casou-se com John Hobbis Harris. Logo em sua chegada à Missão de Balolo, os Harris começaram a enviar para casa cartas com narrativas de aspectos da nova vida, juntamente a isso, começaram a enviar também suas fotografias. Estas começaram a ser difundidas já em 1902, pela revista do Congo Balolo Mission, a *Regions Beyond*, que a princípio não publicou as fotografias sobre as atrocidades, estas só vieram à lume em 1903, onde então se começou a falar abertamente sobre os crimes, e a se exhibir as fotografias de Alice Harris como provas cabais do ocorrido, no intuito de protestar e exigir mudanças radicais na administração. Em 1904, a *Regions Beyond* publicou ainda um pequeno panfleto intitulado “*Congo Slavery*”, novamente ilustrada com muitas fotografias de Harris (THOMPSON, 2012, p. 185).

No mesmo ano de 1904, Roger Casement, o cônsul britânico, que já havia narrado uma série de atrocidades sobre as regiões as quais havia percorrido, junta-se a Edmund Morel, e fundam a CRA (Congo Reform Association). Então, as fotografias de Alice Seeley Harris passam a ser

largamente difundidas nas publicações de Morel, de forma mais notável, em seu “*King Leopold's rule in Africa*”, da mesma forma, em 1905, uma ilustração baseada na fotografia de Alice Harris foi utilizada por Mark Twain, em seu “*King Leopold's Soliloquy*”.

No ano de 1905, com o retorno dos Harris à Inglaterra, então, uma maciça campanha de convencimento por meio das fotografias teve lugar, principalmente em Liverpool. Os encontros contavam com uma apresentação de imagens, ou o que era conhecido como lanternas mágicas, com a ampliação das imagens por um projetor, com o intuito de exibi-las a um grande público. Logo no primeiro ano, em 1905, segundo Jack Thompson, houveram o impressionante número de 300 encontros pela Inglaterra, e subsequentemente, em uma viagem aos Estados Unidos houveram mais cerca de 200, em quase 50 cidades.

#### **IV - Testemunhos em relatos e imagens**

Em carta datada de 30 de maio de 1904, John Harris examinava as atrocidades buscando compreender a natureza brutal do sistema que estava sendo instituído no Estado Livre do Congo, mas que o levava cada vez mais a surpresa com a agressividade desmedida e da utilização do trabalho forçado dos africanos para a exploração da borracha, e, mais do que isso, a instauração de um regime de terror, que estava ocasionando a morte de milhões de africanos, direta e indiretamente, e que sistematicamente estava destruindo os modos de vidas de diversas comunidades, as expulsando para pântanos ou cada vez mais para o interior da floresta tropical. Para o missionário batista, as questões que ele se colocava, em interlocução com E. D. Morel eram as seguintes:

Por que quando um agente de uma companhia de borracha entra em uma cidade, todas as mulheres e crianças correm desesperadamente para a floresta para se esconder, carregando com elas todas as suas posses? (...) O estado dos negócios é o resultado natural do sistema. Os oficiais do Congo querem a borracha. O estado diz que a coleta de borracha é uma coleta de taxas; mas como pode ser assim, considerando que as assim chamadas companhias privadas fixam a quantidade de borracha a ser levada, e a borracha levada para eles é para o favorecimento destas companhias? Certamente taxas não devem ser usadas para o benefício privado e individual, mas para o desenvolvimento do Estado. (e o benefício das pessoas que pagam as taxas) (MOREL, 1904, p. 438)<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> “another question i should like to ask is, why, when an agent of a rubber 'company' enters a town, do all the women and children run helter – skelter into the forest to ride, carrying withe them all their possessions? (...) The state of affairs is the natural outcome of the system. The congo officials want rubber. The State says that the collection of rubber is a collection of taxes; but how can this be, considering that so-called private companies fix the quantity of rubber to be brought in, and the rubber brought to them is for these companies benefit? Surely taxes ought not to be used to benefit private individuals, but for the development of the State”. (Tradução livre).

Roger Casement, o cônsul britânico no Congo, da mesma forma que os Harris é testemunha ocular de uma série de desmandos e violências desmedidas por parte dos agentes belgas. O cônsul relata que em uma de suas “viagens surpresa” pelos tributários do rio Lulongo, encontrou uma habitação com alguns sentinelas, e com eles haviam 15 mulheres nativas reféns. Quatro delas, segundo lhe contou o sentinela, eram reféns para que as comunidades vizinhas e rivais não entrassem em conflito, as onze restantes estavam presas para que os seus companheiros fossem impelidos a coletar a borracha selvagem:

Ele me disse que tinha as capturado e as detinha como prisioneiras para compelir seus maridos a trazer a quantia correta da borracha indígena deles para o próximo dia de mercado, quando eu os questionei se isso era um trabalho feito por mulheres, coletar a borracha, eles disseram que não. Que claro que é um trabalho feito por homens, a colheita da borracha, então, por que você captura as mulheres e não os homens? Eu indaguei. Você não percebe, foi a resposta, se eu capturar e manter os homens, quem iria trabalhar na borracha? Mas se eu capturo as esposas, os homens ficam ansiosos para tê-las novamente em casa, e então a borracha é trazida rapidamente e a quantia combinada. Quando questionei o que aconteceria a essas mulheres se seus companheiros falhassem em trazer a quantia correta de borracha no próximo dia de mercado, ele disse de uma vez que então elas permaneceriam presas lá até que seus companheiros as resgatassem (MOREL, 1904, p. 169)<sup>113</sup>

Não obstante os constantes assassinatos, sequestros de mulheres e trabalho forçado e a violência desmedida empreendida pelos agentes belgas, a presença dos missionários começou a ser vista com maus olhos por essas mesmas autoridades, temendo que os relatos dos religiosos pudessem de alguma maneira prejudicar o empreendimento da borracha. Dessa maneira, se inicia uma batalha retórica, onde as narrativas que chegam à Europa são constantemente colocadas em descrédito por parte do governo belga, que corrompe a imprensa nacional e de outros países. É novamente John Harris que nos evidencia o início dessa batalha de narrativas, no entanto, o contar o que viu aqui é assegurado com evidências indefectíveis da violência sofrida pelas comunidades. Harris se questiona novamente:

---

<sup>113</sup>He said he had caught and was detaining as prisoners to compel their husbands to bring in the right amount of indiarubber required of them on next market day, when i asked if it was a woman's work to collect indiarubber, the say, no. That of course it is a man's work to collect indianrubber. Then why do you catch the women and not the men? I asked. Don't you see, was the answer, if i caught and kept the men, who would work the rubber? But if i catch the wives, the husbands are anxious to have them home again, and só the rubber is brought in quickly and quite up to the mark. When i asked what would become of these women if their husbands failed to bring in the right quantity of rubber on the next market day, he said at once that then they would be kept there until their husbands had redeemed them. (Tradução Livre)

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

se o Estado do Congo está ansioso para colocar a baixo essas atrocidades, por que tratam aqueles que narram essas grandes brechas da lei como inimigos do Estado? Eu acho que posso ficar, sem medo de contradição, que cada vez que nós chamamos atenção para os ultrajes, nossas posições tem ficado mais difíceis. De fato, um último comissário do Distrito Equatorial contou a dois missionários de Basankusu, que se eu fizesse algum problema em Baringa ele colocaria uma corrente em meu pescoço e me colocaria na prisão. O problema se refere, claro, em falar acerca das atrocidades.(MOREL, 1904, p. 438) <sup>114</sup>

Para o missionário britânico, estava claro que havia uma sistemática campanha de negação das atrocidades no Estado Livre do Congo, com grande parte da imprensa pendendo para lado de Leopoldo II. Ainda nas batalhas de narrativas e representações, o convencimento que o missionário tenta angariar para a sua causa residia ainda no cotejamento de informações, na demonstração das evidências e nos lugares de fala, assim como nos distintos interesses levantados por cada um desses mesmos testemunhos. A sua conclusão acerca de todos esses eventos impele ao seu interlocutor, Edmund Morel, e conseqüentemente para toda uma série de leitores que, a partir de então, julguem eles mesmos essas diferentes narrativas, e no cotejar dos testemunhos se aproximem da veracidade:

É inútil esperar algo melhor do Estado Livre do Congo com esta administração. Do *Times* de 18 de março, recém-recebido, nós ficamos sabendo que o Cônsul britânico foi vítima de um boato, sua narrativa é fundada em evidências dos nativos; e de uma outra fonte nós ficamos sabendo que estas atrocidades são resultado de “mórbida imaginação de missionários”. Ficamos sabendo também que os porcos do Congo possuem fantasias sobre mãos humanas! Suponhamos que isso fosse aceito por um momento, pela consideração do argumento, que o cônsul britânico é o tolo ignorante que o Estado do Congo descreve, e que um porco levou a mão de Epondo, o que dizer sobre as outras pessoas sem mãos no Congo? O que dizer do pequeno rapaz que eu vi há algumas semanas, não mais que quatro anos de idade, com sua mão cortada? Novamente, o que dizer do chefe que eu sei que tem somente uma mão, e uma outra agora inútil, mutilada pelos “sentinelas”, mudamente clama hoje por justiça. Talvez essas coisas também são devido aos porcos. (...) Nós sabemos poucas coisas acerca da investigação do caso de Epondo, mas deixe passar por um momento. (...) Tanto para a imaginação mórbida dos missionários. Quem é o mais interessado em saber sobre a verdade – o missionário residente, e o missionário de anos de experiência, ou o passante ocasional oficial do Estado, que não conhece a língua do nativo, e faz tudo através de um intérprete? (MOREL, 1904, p. 438)<sup>115</sup>

<sup>114</sup>Another most interesting question is, why, if the congo state is anxious to put down the atrocities, do they treat those who report gross breaches of the law as little better than enemies to the State? I think i can state, without fear of contradiction, that every time we have called attention to outrages our positions have been rendered more difficult. In fact, a late Commissaire of Equator District told two of our missionaries at Basankusu, that if i made any trouble at Baringa he would put a chain round my neck and put me in prison. The trouble refers, of course, to speaking about atrocities.” (Tradução Livre), Letter from Mr. Harris.

<sup>115</sup>“It is useless to expect anything better from the Congo Free State in the way of administration. From the *Times* issue of March 18, just received, we learn that the British Consul was the victim of a hoax, that his report is founded upon native evidence; and from another source we learn that these atrocities are the outcome of “morbid imagination of missionaries”. We also learn that the Congo pigs have a rere fancy for human hands!. Suppose it were admitted for a moment, for the sake of argument, that the British Consul is the ignorant fool the Congo State depicts him, and that a pig took Epondo's hand, what about all the other handless people on the Congo? What about the little lad i saw a few

Para além da difusão humanitária de luta contra as atrocidades testemunhadas, as



IKABO

LOKOTA

EPONDO

**CHILDREN MUTILATED BY CONGO SOLDIERY**

(For particulars of Ikabo and Lokota, refer to Appendix; for particulars of Epondo, see concluding chapter)

batalhas dos Harris foram, em grande medida, também uma batalha pela verdade, contar a objetividade do ocorrido, e narrar, por meio das fotografias, as experiências terríveis vivenciadas pelos nativos no interior do Estado Livre do Congo. Em uma dessas batalhas pela verdade, figura Epondo, mencionado na missiva enviada a Edmund Morel por John Harris. Em 1905, para contrariar a narrativa de Roger Casement, Epondo misteriosamente modificou sua narrativa acerca dos eventos, muito provavelmente por ter sido pressionado pelos agentes belgas para tanto. Para acompanhar a narrativa, e a investigação citada por Harris, além de Epondo, figuram na fotografia, mais duas crianças com as mãos decepadas, para assegurar que não se tratam de fantasias dos missionários o ocorrido no Estado do Congo em relação às crianças.

---

weeks ago, not more than four years old, with his hand off? Again, what about the chief i know who has only one hand, and another whose now useless arm, mutilated by 'sentries', mutely appelas to-day for justice. Perhaps these things also are due to 'pigs'. We know a few things about the investigation of Epondo's case, but let this pass for the moment. So much for the morbid imagination of the missionaries. Who is most likely to know the truth – the resident missionary fo years of experiance, ot the occasionally passing State official, who does not know the native language, and deos everythin throug an interpreter?.

As fotografias, reproduzidas por Morel, visam assegurar ao interlocutor o valor de prova irrefutável, o valor de verdade das narrativas e dos testemunhos dos missionários (MOREL, 1904, p. 112). Na imagem, a ênfase nas mãos decepadas por mando dos agentes belgas é assegurada pelo realce produzido pela fotógrafa por meio do contraste das vestimentas brancas, buscando evidenciar e deixar claro que não se trata de fantasias por simples oposição ao regime, nem muito menos de jovens atacados por javalis. A justaposição de três crianças na mesma situação, também visa evocar essa garantia de verdade dos testemunhos. Do mesmo modo, uma outra fotografia retirada por Alice Harris, na Congo Balolo Mission, em Baringa busca evocar esse mesmo discurso de autoridade e verdade das narrativas, com os dois missionários Edgar Stannard e John H. Harris, ao lado de outros três nativos, com o exclusivo fito de mostrar as mãos decepadas de seus companheiros, algo que foi bastante comum, durante esse período.

Na imagem acima, produzida por Alice Harris, aparecem Edgar Stannard, à esquerda, e John H. Harris à direita, e junto a eles dois dos nativos seguram as mãos de seus companheiros, mortos pelos sentinelas durante uma das cobranças das taxas quinzenais da borracha indígena (MOREL, 1904, p. 49)<sup>116</sup>. Uma das mãos mantida pelo nativo da direita exhibe marcas do seu período de manutenção. As mãos decepadas serviam de provas que a munição estava sendo “bem utilizada”, mas como os agentes poderiam demorar a receber suas provas, havia, em algumas unidades dos sentinelas, o “guardião de mãos”, e o seu trabalho era unicamente “defumá-las”, para evitar a deterioração dessas “provas” (HOCHSCHILD, 1999, p. 123).

A fotografia aqui, retirada por Harris, possui também o seu claro propósito de mostrar os horrores do cotidiano dos nativos. Nesse sentido, por mais perigoso que isso pudesse ser, como demonstra a ameaça sofrida pelos Harris, estas eram a possibilidade e a escolha de arrebatar fotografias que testemunhassem, elas também, o horror e o massacre ocorridos. Como explicita Didi-Huberman, eram a possibilidade de “arrebatar as imagens daquele real, mas também porque uma imagem é feita para ser observada por outrem – arrebatar o pensamento humano em geral, o pensamento do “de fora”, algo imaginável sobre o qual ninguém, até então entrevia a possibilidade” (DIDI-HUBERMAN, 2003, p. 16). Evidentemente, na ocasião, as discussões sobre as mãos decepadas dos nativos do Estado Livre do Congo, eram imaginadas e narradas longamente por um

---

<sup>116</sup> A carta de Edgar Stannard referindo-se à imagem se encontra na página 444-445.

grande número de testemunhas oculares. Tratava-se, no caso das fotografias de Harris, de servirem para esse outro, para “o de fora”, de provas incontestáveis dos eventos ocorridos.

No entanto, a fotografia de Alice Harris de maior difusão, que no livro de Edmund Morel acabou por ser creditada ao seu esposo John Harris, e que no livro de Twain, este nem sequer menciona os missionários Harris, é a fotografia do nativo Nsala do distrito de Wala (STANNARD In MOREL, 1904, 444-445)<sup>117</sup>. A fotografia, produzida em 15 de maio de 1904, aparece no livro de Morel (pág. 144) creditada à John Harris, no entanto, se verificarmos a missiva de Stannard, o missionário afirma que John Harris estava em Jikau, não em Baringa, quando do ocorrido, e ao longo da missiva atribui à fotografia à missionária Alice Harris. A fotografia foi retirada nas imediações da residência em que viveram os missionários da Balolo Congo Mission, donde é possível observar a haste de sustentação do teto, e uma espécie de alpendre. Ao fundo, uma pequena clareira que antecede a floresta, na clareira, alguns espécimes de palma de óleo, vegetal que dali a poucos anos seria outro motivo de exploração no Congo. Ainda na clareira, dois jovens nativos e uma criança se aproximam e olham fixamente para a missionária no ato da fotografia.



NSALA OF WALA IN THE NSONGO DISTRICT (ABIR CONCESSION)

(Photographed by Mr. John H. Harris in May, 1904, with the hand and foot of his little girl of five years old—all that remained of a cannibal feast by armed rubber sentries. The sentries killed his wife, his daughter, and a son, cutting up the bodies, cocking and eating them. See letter from Mr. Stannard in the Appendix.)

Se tomarmos novamente a narrativa ficcional de Mark Twain, na alusão tomada no solilóquio, o escritor enfatiza, tomando nota acerca dos missionários, que “os nativos os consideram

<sup>117</sup>A carta de Edgar Stannard se encontra no livro de MOREL, E. Op. Cit., pag. 444-445. Juntamente a esta, são compiladas muitas outras cartas de missionários no Congo naquele período.

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

seus únicos amigos”, para onde eles vão “com seus sofrimentos; mostram suas cicatrizes e suas feridas, infligidas pelos soldados; seguram os seus braços mutilados e se lamentam porque suas mãos foram decepadas, como punição por não terem trazido borracha suficiente” (TWAINE, 1905, p. 14-15).<sup>118</sup> Semelhante com o discurso ficcional é a narrativa da maneira como Nsala se aproxima dos missionários, contada por Edgar Stannard:

Domingo, 15 de maio, pouco depois de 8 da manhã, eu tinha ido à casa do Sr. Harris, e nós começávamos os trabalhos matinais quando dois garotos apressados sem fôlego entraram, disseram que alguns agentes tinham matado um certo número de pessoas, e que dois homens tinham ido contar ao homem branco responsável, eles também tinham algumas mãos para mostrá-lo, caso ele não acreditasse. Isso nos surpreendeu imensamente, e nós os pedimos para atentarem para o homem quando ele estivesse de volta, para contar-nos, aí então, eles chegaram. Rapidamente os dois homens se aproximaram e nós ouvimos os garotos o chamando e pedindo para nos mostrar; eles pareceram temer, e então nós saímos e rapidamente perguntamos onde estavam as mãos. Então, um deles abriu um amontoado de folhas, e nos mostrou as mãos e os pés de uma pequena criança, que não poderia ter mais de cinco anos de idade. (...) O pai da garotinha disse que seu nome era Nsala, e ele era nativo de Wala, que é uma seção de Nsongo District conectada com Lifinda, o posto avançado de Baringa. No dia anterior, embora faltassem três dias para os agentes virem pegar a borracha, quinze agentes vieram de Lifinda, todos exceto dois armados com rifles Albini, e eles estavam acompanhados de um séquito. Começaram fazendo prisioneiros e atirando, e assim mataram Bongingangos, sua esposa; Boali, sua filhinha de aproximadamente cinco anos de idade; e Esanga, um garoto de 10 anos. (...) Nsala disse que quando os agentes não estavam olhando, ele conseguiu agarrar o pé e a mão de sua garotinha, para trazer e mostrar para o homem branco, caso ele não acreditasse no que ele dissesse. Nós perguntamos então se ele tinha cortado a mão e o pé, mas ele olhou horrorizado, e protestou que não tinha feito isso. Acrescentou que quando eles vieram os agentes ainda estavam caçando as pessoas, e eles agora estão indo se esconder na mata, posto que estão com medo de voltar<sup>119</sup>.” (MOREL, 1904, p. 444)

<sup>118</sup> “the natives consider them their only friends; they go to them with their sorrows; they show them their scars and their wounds, inflicted by my soldier police; they hold up the stumps of their arms and lament because their hands have been chopped off, as punishment for not bringing in enough rubber.”. TWAINE, Marc. Op. Cit, p. 14-15.

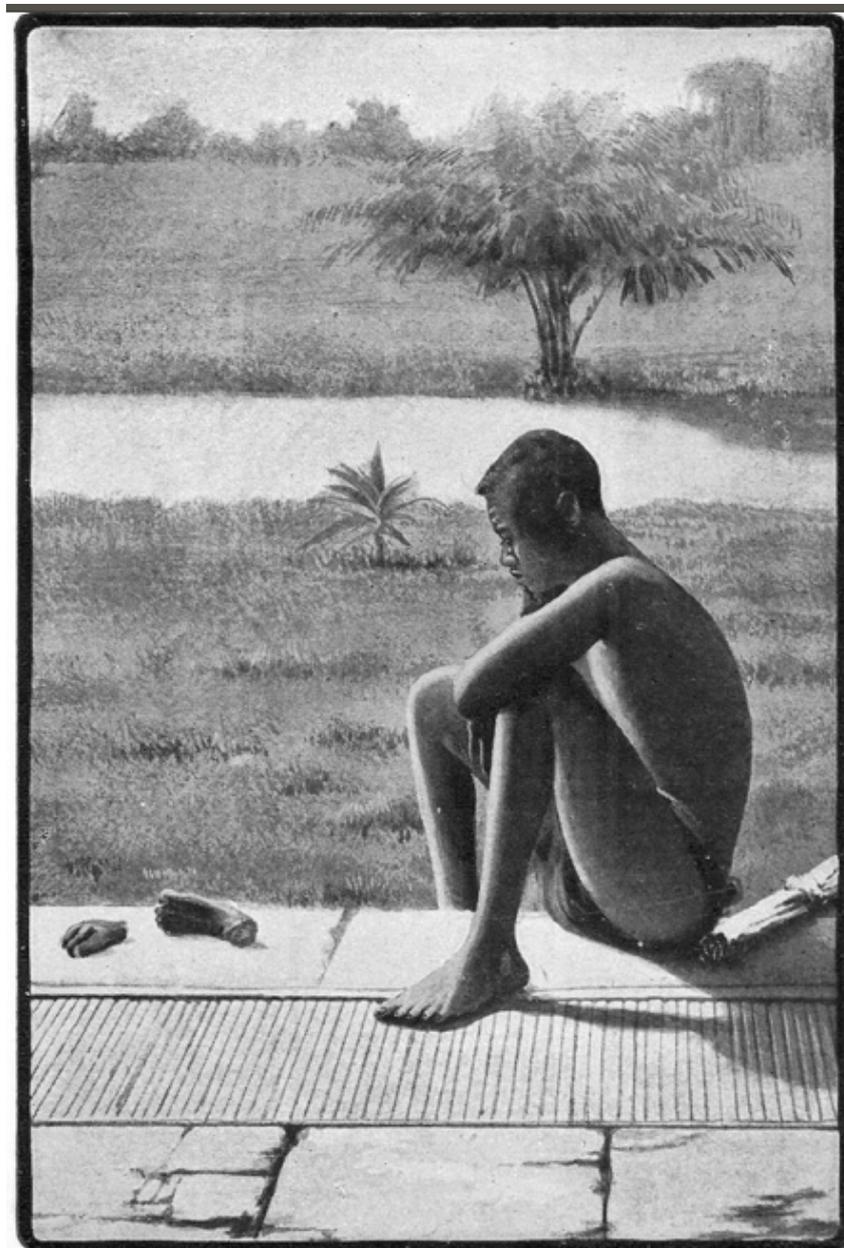
<sup>119</sup> On Sunday morning, May 15, just after eight o'clock, I had gone across to Mr. Harris's house, and we were just going to commence morning worship when two boys rushed breathlessly in, and said that some sentries had killed a number of people, and that two men had gone by to tell the rubber white men, and that they also had some hands to show him, in case he did not believe them. It greatly upset us, and we told them to watch for the men as they came back, and to tells, so that we could see them. Shortly afterward the two men came along the path, and we heard the boys calling to them to come and show us; but they seemed afraid, and só we went out quickly and overtook them, and asked them where the hands were. Thereupon one of them opened a parcel of leaves, and showed us the hand and foot of a small child, who could not have been more than five years old.(...) The father of the little girl said his name was Nsala, and he was a native of Wala, whice is a section of the Nsongo District and connected with Lifinda, the outpost of Baringa. On the previous day, although it was three days before they were due to take in the rubber, fifteen sentries came from Lifinda, all except two being armed with Albini rifles, and they were accompanied by followers. They began making prisoners and shooting, and killed Bongingango, his wife; Boali, his little daughter of about five years of age; and Esanga, a boy of about ten years. These they at once cut up, and afterwards cooked in pots, putting in salt which they had brought with them, and then ate them. (...) Nsala said that when the sentries were not looking, he snatched up the foot and hand of his little girl, to bring and show to the white man, in case he should disbelieve what he said. We asked him whether he had cut off the hand and foot, but he looked horrified, and protested that he had not done so. He added that when they came away the sentries were still hunting the people, and that they were then going to hide in the bush, as they were afraid to go back. Letter from Mr. E. Stannard. (Tradução Livre)

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

O episódio relatado permite denotar o entrelaçamento das duas narrativas, a ficcional e a emitida por meio da missiva de Edgar Stannard. Mais do que isso, por meio das duas narrativas, é possível observar uma luta pela salvaguarda da veracidade em várias frentes, principalmente, nesse sentido, uma clara agência entre os próprios nativos, que, primeiro, buscam os “homens brancos responsáveis”, possivelmente o diretor da seção, e então, na sequência, procura os missionários para narrar-lhes os eventos dramáticos, e com eles, trazem o valor de prova irrefutável nos pés e mãos decepados da criança pelos sentinelas.



FOOT AND HAND OF CHILD DISMEMBERED BY SOLDIERS, BROUGHT TO MISSIONARIES BY DAZED FATHER. FROM PHOTOGRAPH TAKEN AT BARINGA, CONGO STATE, MAY 15, 1904. SEE MEMORIAL TO CONGRESS, JANUARY, 1905

A imagem apresentada por parte de Mark Twain, em sua narrativa fictícia, “*King Leopold's Soliloquy*”, de 1905, traz somente a reprodução por meio de gravura de Nsala fitando os membros decepados de sua pequena filha, e os dois garotos, que na fotografia aparecem à direita, são excluídos pelo gravurista. Nas notas, não há nenhuma menção ao Harris, apenas a indicação de que a fotografia teve lugar em Baringa e que a imagem foi capturada por missionários no Estado do Congo. A ênfase dessa reprodução recai totalmente sobre o sofrimento de Nsala, que tem as expressões do seu rosto realçadas.

Mas se atentarmos novamente para a fotografia original, ela traz em si uma tensão. Primeiro em relação às intenções da fotógrafa, que tem como propósito enviá-la no sentido de evidenciar os crimes e fazer as denúncias das atrocidades. E com essa intenção, a denúncia parece querer demonstrar o fragmento da realidade vivenciada, mas justamente o que busca evocar é que esse mesmo fragmento da realidade não deveria ser contemporâneo, o tipo de atrocidade perpetrada e testemunhada pela fotógrafa e suas lentes objetivas, não mais deveria ter lugar na sociedade contemporânea, deveria ser erradicada, é esse mesmo que parece ser o maior drama experimentado pela foto denúncia, demonstrar e comprovar o inimaginável, (ou o que estava sendo constantemente negado), por meio de imagens, objetivas.

E isso é ainda mais evidente, essa tensão entre o fantasioso e o real, trazida pela fotografia por meio da narrativa que acompanha a imagem elaborada pelo missionário Edgar Stannard, e ainda pela própria legenda produzida por Edmund Morel. Se a imagem deveria trazer a prova irrefutável das atrocidades, na narrativa e na sua legenda, o fantástico, ou ao menos, o que parece ser menos plausível ou ao menos questionável, emerge por meio da alusão de que os sentinelas haviam cortado, cozinhado e comido outros nativos.

Do mesmo modo, a mesma fotografia comporta a tensão entre a realidade e a temporalidade, aludida por Bourdieu. Se como descreve o autor francês, a temporalização do real, seria evidenciada quando ocorre “um corte instantâneo no mundo visível”, petrificando o gesto humano, e assim “prende o olhar num momento imperceptível de uma trajetória nunca completa” (BOURDIEU & BOURDIEU, 2006, p. 39). A fotografia de Nsala de Wala e ao seu lado outros dois nativos olhando fixamente para a fotógrafa, foge, em parte, dessa “desrealização”. Se por um lado, o gesto de Nsala, contemplando pés e mãos brutalmente arrancados de sua filha, acaba por ser petrificado e se tornando uma arma política na luta da CRA. A imagem dos dois garotos olhando

fixamente para a fotógrafa e o ato de fotografar permite ao menos inferir que a luta pela verdade e pela descrição da realidade também perpassa por outros sujeitos históricos, e estão entre as mais caras intenções do nativos.

### **Considerações finais**

Siegfried Krakauer, em ensaio publicado originalmente em 1927, traçava uma série de comparações entre a fotografia e o que ele originalmente chamava de historicismo, a primeira trazia, segundo o crítico alemão, a evidência de um contínuo espacial, enquanto o que ele chamava de historicismo buscava atentar para um determinado contínuo temporal, a explicação de qualquer fenômeno puramente em termos de sua “gênese”. A realidade histórica reconstruída por meio da série de eventos em sua sucessão temporal sem nenhum intervalo. Enquanto que o tempo não seria propriamente parte da fotografia, de outro modo, o que ela traz consigo, como roupas e costumes pretéritos, paisagens de outrora, trariam uma representação de um outro tempo, justamente por dotar os detalhes que lhe estão contidos com a duração, e assim, “não são eles que sobrevivem ao tempo, mas antes, o tempo que traz as imagens de si mesmo, fora deles” (KRAKAUER, 1993; GINZBURG, 2007).

O entrelaçamento das temporalidades nas fotografias de Alice Seeley Harris, traz principalmente, primeiro a comprovação de uma horrorosa realidade vivenciada pelos nativos do Estado Livre do Congo, e subseqüentemente, o espanto na representação e percepção dessa temporalidade na contemporaneidade, traz em seu bojo, justamente a condenação de atitudes como aquelas que tiveram lugar no território sob as leis de Leopoldo II. As fotografias e a representação dessas temporalidades entrelaçadas, e seus usos como provas cabais dos desmandos, se tornam então, armas políticas importantíssimas nas narrativas dos missionários e dos membros da CRA.

Por outro lado, a fabricação ou o ato de fotografar por parte de Alice Seeley Harris, em sua estadia no Estado Livre do Congo também possuiu uma outra relação com a história, ou como queria Krakauer com o historicismo. Sua relação, na virada do século aproximava-se mais de uma intrincada disputa acerca de evidências, testemunhos, e ainda da crítica interna e externa dos relatos, com o fito de esclarecer e comprovar uma determinada veracidade acerca dos eventos. O verdadeiro, o falso e o fictício se enredavam em um emaranhado de notícias acerca dos eventos no Estado Livre

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

do Congo. Assim, a sua luta política junto aos outros membros da CRA, traz também consigo uma série de similaridades com o ofício do historiador, principalmente em relação a suas lutas políticas, suas escolhas narrativas por meio de relatos, imagens e narrativas, e enfim, a sua trama de estar no mundo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ARENDRT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo - São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BIANCHI, Bruna. “La gomma è morte”: I crimini in Congo nell'obiettivo di Alice Seeley Harris (1898-1912). *Deportate, esuli, profughe – Rivista telematica di studi sulla memoria femminile*. Nº 24, 2014.

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc; CASTEL, Robert; CHAMBOREDON, Jean Claude and SCHNAPPER, Dominique. *Photography: a middle-brow Art*. Polity Press / Blackwell publishers Ltd: Cambridge, 1990.

\_\_\_\_\_. & BOURDIEU, Marie Claire. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia e Política*. Nº 26: 31-39, 2006.

CONRAD, Joseph. *Coração das Trevas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Images malgré tout*. Paris: Editions de Minuit, 2003.

DOYLE, Arthur Conan. *The Crime of the Congo*. 4th edition London: Hutchinson & Co., 1909.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: falso, verdadeiro, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Relações de Força: História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOCHSCHILD, Adam. *The King Leopold's Ghost: A history of greed, terror and heroism in Colonial Africa*. A Mariner Book: Houghton Mifflin Company, Boston-New York, 1999.

KRAKAUER, Sigfried. *Photography. Critical Inquiry*. The University of Chicago Press. Vol. 19, nº 3, 1993, pp. 421-436.

MOREL, E. D.. *King Leopold's Rule in Africa*. London: William Heinemann. 1904. Digitalizado Archive.org.

OLIVEIRA, Ana Balona. “When the harmony went to hell”, Congo dialogues: Alice Seeley Harris and Sammy Baloji. Against Leopold's (and others') soliloquies. Disponível em <http://www.artecapital.net/exposicao-401-sammy-baloji-e-alice-seeley-harris—when-harmony-went-to-hell-congo-dialogues-alice-seeley-harris-and-sammy-baloji>. Último acesso em 09.02.2015.

SLIWINSKI, Sharon. The childhood of Human Rights: The Kodak on the Congo. *Journal of visual Culture*. Vol. 05 (3): pp. 333-363. dez. 2006.

SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Regarding the Pain of Others*. Picador - Farrar, Straus and Giroux: New York, 2003.

\_\_\_\_\_ Looking at the War: Photography's view of devastation and death. *The New Yorker*, december 9, 2002.

THOMPSON, Jack. Light on the dark continent: the photography of Alice Seely Harris and the Congo atrocities of the early twentieth century. *International Bulletin of Missionary Research*. Oct. 1, 2002. Disponível em: [http://www.thefreelibrary.com/Light on the dark continent: the photography of Alice Seely Harris...-a093009102](http://www.thefreelibrary.com/Light+on+the+dark+continent:+the+photography+of+Alice+Seely+Harris...-a093009102). Acesso em 09 de fevereiro de 2015.

\_\_\_\_\_. *Images of Africa: Missionary photography in the nineteenth century an introduction*. Occasional Paper – Centre of African Studies University of Copenhagen, 2004.

\_\_\_\_\_. *Light on Darkness?: Missionary photography of Africa in the nineteenth and early twentieth centuries*. Grand rapids and Cambridge: Eerdmans, 2012.

TWAIN, Mark. *King Leopold's soliloquy: a defense of his Congo rule*. 2 ed. Boston: The P. R. Warren co., 1905.

KRAKAUER, Sigfried. Photography. *Critical Inquiry*. The University of Chicago Press. Vol. 19, nº 3, 1993, pp. 421-436. Cf. Também GINZBURG, Carlo. Detalhes, primeiros planos, microanálises – à margem de um livro de Siegfried Krakauer. In: \_\_\_\_\_ *Os fios e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre & BOURDIEU, Marie Claire. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia e Política*. Nº 26: 31-39, 2006.

Jornais:

*The Guardian*. “160 years of war photography: an audiovisual guide to the world's most powerful conflict images. 24.11.2014. Disponível em: [http://www.theguardian.com/artanddesign/2014/nov/24/-sp-conflict-time-photography-tate-modern-audio-guide-war?CMP=fb\\_gu](http://www.theguardian.com/artanddesign/2014/nov/24/-sp-conflict-time-photography-tate-modern-audio-guide-war?CMP=fb_gu).

*The Guardian*. “Horrific pictures of dead bodies won't stop wars”. 23.11.2014. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/nov/23/horrific-pictures-of-dead-bodies-wont-stop-wars?#comment-44167683>.

### Referência das Imagens:

Imagem 1: Missionários da Congo Balolo Mission. Fotografia disponível em: <http://www.panos.co.uk/preview/00052898.html?p=8>. Consultada em: 21.02.2015

## **EXPEDIÇÕES**

Teoria da História &  
Historiografia

Ano 7 – N. 2 – AGOSTO-DEZEMBRO de 2016

Imagem 2: Children mutilated by Congo Soldiers. In. MOREL, Edgar. *King Leopold's Rule in Africa*. London: William Heinemann. 1904, pág. 112.

Imagem 3: Natives of the Nsongo District: Abir Concession. In. MOREL, Edgar. *King Leopold's Rule in Africa*. London: William Heinemann. 1904, pág. 112.

Imagem 4: Nsala of Wala in the Nsongo District: Abir Concession. In: MOREL, Edgar. *King Leopold's Rule in Africa*. London: William Heinemann. 1904, pág. 144.

Imagem 5: Foot and hand of child dismembered by soldier, brought to missionaries by dazed father, from photograph taken at Baringa, Congo State, May, 15, 1904. In. TWAIN, Mark. *King Leopold's soliloquy: a defense of his Congo rule*. 2 ed. Boston: The P. R. Warren co.,1905.